

AUTISMO E EDUCAÇÃO INFANTIL: relato de experiência com aluno de uma escola em Humberto de Campos - MA

Autor (1) Odirlene Silva Pereira; Co-autor(1) Rosa Coelho Costa

Instituto Universitário Atlântico – IUA

Resumo: O presente estudo tem como finalidade discutir como acontece a inclusão de uma criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA no contexto da educação infantil. Neste sentido, a proposta do trabalho é relatar uma pesquisa de campo em andamento, que tem como objetivo analisar como ocorre a inclusão de um aluno com diagnóstico Transtorno do Espectro Autista em uma escola de Educação Infantil, no município de Humberto de Campos no estado do Maranhão. Apresentando através de revisão de literatura, o percurso histórico sobre o transtorno do espectro autista; Refletindo sobre a inclusão de crianças com autismo na educação infantil; Verificando o papel do professor na perspectiva de incluir a criança com autismo no contexto da educação infantil. A metodologia utilizada nesta pesquisa será feita através de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, por meio de revisão de literatura e análise das leituras feitas no sentido de compreender em uma conjuntura histórica e atual o TEA, a partir de autores como Montoan (2003), Gadia (2006), Cunha (2012), Orrú (2012), Mello (2004), entre outros. O procedimento metodológico da pesquisa no que se refere à problemática, caracteriza-se em conhecer quais as especificações e intervenções pedagógicas utilizadas com o autista, realizadas por meio de fundamentação teórica, seguida de observações na escola e entrevistas semiestruturadas com a professora e mãe do aluno.

Palavras chave: Autismo. Inclusão. Educação infantil.

1 Introdução

Incluir uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no âmbito escolar é um grande desafio, pois entendemos que para que haja inclusão no sentido amplo da palavra, seja necessário repensar e desconstruir pensamentos enraizados no sistema educacional tradicional de ensino, Mantoan (2003), destaca que, “uma análise desse contexto escolar é importante se quisermos entender (...) a razão de se propor inclusão escolar, com urgência e determinação, como objetivo primordial dos sistemas educativos” (p. 27). Além disso, é essencial levar as entidades e os profissionais envolvidos a terem em mente o pensamento crítico sobre a formação profissional, o currículo escolar, a estrutura física escolar adaptada, a implementação de leis, o acompanhamento da família como sendo peças fundamentais para o sucesso da inserção do aluno com Autismo. Mantoan (2003) nos aponta ainda que, “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global” (p. 14).

Falar sobre inclusão de uma criança com TEA no contexto da educação infantil, também nos remete a pensar sobre o professor que irá recebê-lo, tendo em mente que será com ele que o aluno estará diariamente e conseqüentemente, será ele que irá promover os primeiros contatos do estudante com a vida escolar. Diante disso, esta pesquisa em andamento pretende relatar como acontece a inclusão de alunos com autismo no contexto da educação infantil, trazendo como objetivo analisar como ocorre a inclusão de um aluno com diagnóstico de transtorno do espectro do autismo em uma escola de Educação Infantil, no município de Humberto de Campos no estado do Maranhão.

Assim, o estudo traz como problemática, como acontece à inclusão de uma criança com autismo no contexto da educação infantil? Deste modo, pesquisa em andamento está

sendo realizada a partir de revisão de literatura e pesquisa de campo, através de observação no ambiente escolar e entrevista semiestruturada com a mãe e professora, utilizando teóricos que possuem contribuições significativas sobre a temática tais como: Montoan (2003), Gadia (2006), Cunha (2012), Orrú (2012), Mello (2004), entre outros.

O transtorno do espectro do autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados (Gadia, 2006).

A palavra Autismo tem origem do idioma alemão “Autismus”, segundo Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”.

Orrú (2012) apresenta o estudo do psiquiatra austríaco, Leo Kanner, residente nos Estados Unidos, médico do departamento de psiquiatria infantil do Hospital Johns Hopkins, que publicou, por volta de 1943, o artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Neste artigo, descreve o caso de onze crianças com quadro de autismo severo, marcado por características de obsessividade, estereotípias e ecolalia bem acentuados. Outro traço importante percebido por Kanner em seu estudo foi que o distúrbio afeta a interação da criança com seu ambiente, e pessoas desde o início de sua vida.

Ainda de acordo com Orrú (2012), os traços apresentados pelo grupo de crianças observado por Kanner a ausência de interação social, comportamento atípico e repetitivo “e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto” (2012, p. 19).

Em 1944, o pesquisador austríaco Hans Asperger escreveu artigos sobre sua pesquisa com crianças com dificuldade de socialização, denominando tal condição como “psicopatia autística na infância”, tendo em vista que todas as crianças do estudo indicavam transtorno estável de personalidade marcado por isolamento social, embora tivessem as habilidades intelectuais preservadas, boa comunicação oral e conseguissem se desenvolver. Ao contrário de Kanner, ele não especula a atribuição da causa do autismo como de ordem psicodinâmica, ele atribui a causa do autismo a uma deficiência biológica, especialmente genética (BRASIL, 2013, p. 25).

Entretanto, o trabalho de Hans Asperger permaneceu desconhecido até meados de 1980, quando Lorna Wing, ao fazer estudos a partir das pesquisas de Asperger, observou semelhanças entre os dados obtidos pelo grupo de crianças estudadas por ele, e os estudos que estavam sendo produzidos nos Estados Unidos e Inglaterra. Ela reconhece que ambos os estudos apresentavam pontos em comuns basicamente à mesma tríade sintomática.

Neste sentido, Mello (2004), caracteriza a tríade de dificuldades que seriam as manifestações comuns causadas pelo autismo, são elas: “Dificuldade de comunicação verbal e não verbal, dificuldade de sociabilização, dificuldade no uso da imaginação.” (p.114-115).

Atualmente, o manual intitulado DSM-V (2014) O Transtorno do Espectro do Autismo é um transtorno do desenvolvimento neurológico e deve estar presente desde a infância ou início da infância e partir deste documento o termo Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) deixa de ser utilizado, passando a ser utilizada a terminologia Transtorno do Espectro Autista.

Portanto, tendo feito uma breve abordagem sobre o TEA, seu percurso histórico e características, faz-se necessário, refletir sobre a prática pedagógica do corpo docente, e sua contribuição para a inclusão do aluno autista, pois entendemos que a escola precisa está preparada para proceder em diferentes circunstâncias e que a inclusão do educando e a intervenção precoce no contexto escolar deve fazer parte do fazer pedagógico. Neste sentido, após a revisão de literatura, demos prosseguimento à pesquisa de campo em uma escola de educação infantil, feita através de observação e entrevistas semiestruturadas com a mãe do aluno e a docente.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

- Analisar como ocorre a inclusão de uma criança com transtorno do espectro autista no contexto da educação infantil no município de Humberto de Campos do estado do Maranhão.

2.2 Objetivos Específicos

- a. Apresentar, através de revisão de literatura, o percurso histórico sobre o transtorno do espectro autista;
- b. Refletir sobre como acontece a inclusão de uma criança com autismo em uma escola de educação infantil no município de Humberto de Campos no estado do Maranhão;
- c. Verificar o papel do professor na perspectiva de incluir a criança com autismo no contexto da educação infantil em Humberto de Campos, Maranhão;

3. Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa está sendo realizada a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, por meio de revisão de literatura e análise das leituras feitas no sentido de compreender em uma conjuntura histórica e atual o TEA, a partir de autores como Montoan (2003), Gadia (2006), Cunha (2012), Orrú (2012), Mello (2004), entre outros. A primeira etapa da pesquisa está sendo realizada através de entrevista semiestruturada com a mãe e professora e em seguida observação da rotina do estudante no ambiente escolar.

A pesquisa de campo está sendo desenvolvida em uma escola de educação infantil no município de Humberto de Campos no estado do Maranhão.

4. Resultados das análises iniciais

Levando em consideração a revisão de literatura, compreendendo em uma conjuntura histórica e atual o TEA, demos seguimento à pesquisa de campo, pautada em momentos distintos: o primeiro momento de entrevista semiestruturada com a mãe, o segundo momento foi feita uma entrevista semiestruturada com a professora, o terceiro momento foi de observação do aluno no ambiente escolar, divididos em dois momentos: a observação da qualidade da interação social e verbalização do aluno com seus pares no ambiente escolar e a observação da qualidade de interação do aluno nas atividades pedagógicas propostas pela professora.

A entrevista semiestruturada com a mãe nos oportunizou conhecer melhor o aluno, e conhecer sua rotina no ambiente familiar, na ocasião, a mãe relatou ter percebido no primeiro ano de vida do filho que demonstrava características diferentes de desenvolvimento, tais como: andar somente nas pontas dos pés, padrões repetitivos, apego a determinados objetos, restrição alimentar, sono conturbado e choro excessivo. Em busca de respostas, procurou por especialistas e recebeu o diagnóstico de autismo aos três anos. A este respeito, Silva (2012) ressalta que os sintomas iniciais surgem nos três primeiros anos de vida da criança, fazendo com que a equipe especializada na área da saúde inicie pesquisas em busca de possíveis diagnósticos, (p. 9). Atualmente, segundo a mãe, o convívio dele, depois do diagnóstico e acompanhamento terapêutico, é tranquilo, o que segundo ela, ainda foge um pouco do padrão,

é por ele não aceitar determinadas comandas, a que reage com choro, o que a deixa sem saber como proceder, neste sentido Bosa (2002, p. 36), destaca que “um mesmo comportamento pode servir a diferentes funções: extravasamento de tensão, comunicação de desejos e necessidades, formas de protesto ou mesmo de resposta a demandas sociais”. No mais, a mãe segue seu relato dizendo que ele segue sua rotina, ainda se apega a determinado brinquedo ou vídeo, passando pelo menos três meses com este objeto ou vídeo, levando para a escola, dormindo com o brinquedo, e finaliza dizendo que ele é uma criança muito esperta, já sabe ler e escrever palavras utilizando alfabeto móvel, faz pequenas contas de adição sem auxílio, é atenciosa, observadora, carinhosa e muito dócil.

Na entrevista semiestruturada com a professora, esta relata os desafios e entraves da inclusão na educação infantil, destacando ser desafiador receber uma criança com autismo, mas afirma conseguir trabalhar e desenvolver um planejamento para auxiliar nas intervenções na tentativa de estimulá-lo, embora entenda que encontre algumas dificuldades pela ausência de ofertas de formações continuadas com o propósito de incluir alunos com autismo e as demais deficiências por parte do município, o que segundo (Roldão, 2003, cit. por Santos, 2007), destaca ser fundamental um planejamento que tenha como objetivo organizar os instrumentos e favorecer a construção da aprendizagem (p.30). A docente em sua fala ainda ressalta a importância de trabalhar a socialização através de jogos, rodinhas e brincadeiras entre os alunos, da turma embora sinta falta de instrumentos e recursos necessários para a estimulação do mesmo.

Neste sentido, vale ressaltar que as atividades lúdicas não só dão prazer como também preparam o sujeito para viver em sociedade, impulsionando-o em busca de soluções para os eventuais conflitos do dia-a-dia, quando se trata de um aluno autista, é importante estabelecer uma rotina, pois se os momentos são reconhecíveis, ele ficará mais confortável e possivelmente, mais receptivo às atividades. Segundo Oliveira (1994), ao brincar a criança desenvolve seu processo de adaptação à realidade aprendendo a lidar de forma cada vez mais intencional com seu corpo, situando-o em um contexto que é reconhecível. Assim, para as crianças é fundamental a maneira como se comunicam com o mundo e se apropriam dele. O ambiente é o grande promotor do desenvolvimento infantil, e na perspectiva da inclusão, se o ambiente for positivo, estimulante, cheio de afetividade, poderá proporcionar a criança com autismo melhor desenvolvimento e socialização.

Na observação da qualidade da interação social e verbalização do aluno com seus pares no ambiente escolar, realizada no período de duas semanas, aonde verificamos que o aluno interage com os colegas, chamando alguns pelo nome, verbaliza e grita quando algo não lhe agrada, e os trata com gestos de carinho, dando abraços e beijos repetidas vezes e os demais alunos retribuem o carinho e são muito atenciosos ao recebê-lo. Pudemos ainda verificar que o referido aluno não demonstra iniciativa de brincadeiras ou conversas, preferindo ficar só ou andando pela escola, ou mesmo eleja um percurso e o faça repetidas vezes.

E a observação da qualidade de interação do aluno nas atividades pedagógicas propostas pela professora, etapa realizada no período de um mês. A professora o inclui em toda rotina diária, rotina esta que desenvolve em todos os dias letivos, tais como, a rodinha musical, momento lúdico que esta utiliza para cantar músicas infantis e de boas vindas, neste momento da rotina o estudante em questão participa pulando e batendo palmas, em seguida, esta faz a contação de história e a rodinha de conversa, momento em que dedica para contar um conto, conversar e ouvir os alunos sobre o tema contado, neste momento da aula foi possível perceber que o aluno não verbaliza, às vezes grita, levanta e corre pela sala, quando o barulho o incomoda, mas aparentemente ouve toda a contação e a conversa, seguido a este momento, a professora cria uma situação lúdica para falar sobre o tema planejado para aula e tenta incluir todos na brincadeira, chamando todos a participar e posteriormente propõem

atividades, que os alunos executam sentados e esta acompanha a realização de cada um por mesa, a princípio, nesta etapa da aula, o aluno em estudo, normalmente anda pela sala, pega lápis de cor, os seleciona por cor ou tamanho, procura por jogos pedagógicos, pede para escrever palavras utilizando o alfabeto móvel, depois de escrita, as lê e corrige caso falte alguma letra e só depois, quando a professora o aborda para fazer a atividade, este senta e realiza, Cunha (2012, p.30) ressalta que no caminho pela busca da inclusão, os envolvidos poderão obter respostas positivas ou negativas, mas sempre será válida a tentativa.

Para esta etapa da pesquisa, foram utilizados apontamentos cursivos e registros fotográficos nas ocasiões de observações para sistematizar as informações.

5. Conclusões parciais

Diante do exposto foi possível compreender que a principal função da educação na primeira infância para a criança com autismo, Educação Infantil, é o desenvolvimento integral da criança, entendemos que esta seja a base para as demais etapas do processo educacional, e que toda sua proposta pedagógica deve estar direcionada às experiências e às vivências do educando, viabilizando a formação do indivíduo.

Mantoan (2006) nos afirma que:

Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. (p. 13).

Na revisão de literatura foi possível constatar que a criança com autismo possui diversas potencialidades e que aprende quando é estimulado em um ambiente favorável, deste modo, percebeu-se que a atuação do professor mediador acrescenta elementos indispensáveis ao relacionamento no convívio social, dando oportunidade para que a criança seja estimulada através dos jogos simbólicos e das brincadeiras uma relação natural onde consiga manifestar suas tristezas, alegrias, angustias, entusiasmos, passividades e agressividade.

Mantoan (2006) no diz ainda que:

a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. (p. 20).

Entretanto, é importante frisar que a parceria família x escola é fundamental para o desenvolvimento do aluno com autismo, tendo em vista que a troca de saberes entre mãe e professor poderá auxiliar tanto no atendimento da criança na escola, quanto nas abordagens da mãe no sentido de estimular o filho em casa. Além disso, para se conseguir um bom resultado no tratamento de uma criança com autismo, deve ser levado em conta todo o contexto em que a criança esta inserida, desde a estrutura familiar, realidade social, econômica, acima de tudo, levar em consideração a dificuldade que é para a família, na maioria das vezes leiga, recebe em seu seio uma criança com transtorno do espectro autista e não sabe o que fazer.

Assim sendo, durante esta etapa desta pesquisa em andamento, ficou clara que a atuação docente é determinante na promoção da inclusão e no processo do ensino e aprendizagem do aluno com autismo, tendo em vista que o professor embora enfrente dificuldades, pode e deve buscar por orientação, pesquisas, formações e técnicas que o orientem no sentido de aperfeiçoar sua prática, e foi neste sentido que percebemos a docente titular da turma observada, que embora sinta inúmeras dificuldades no atendimento da criança

autista, busca soluções para incluí-lo da melhor forma possível, e diante de sua atuação docente, nos faz entender que incluir crianças com deficiência não cabe apenas a professores com especializações específicas e sim dever de todo educador.

6. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSA, C. **As Relações entre Autismo, Comportamento Social e Função Executiva**. Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2001.

BRASIL. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

GADIA, Carlos. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Porque? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003, p. 14-27).

MELLO, A. M. S. Rosde. **Autismo: Guia Prático**. Ed. 3ª. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE; 2004.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação infantil: muitos olhares**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.